

ESTUDO GEOGRÁFICO DOS CEMITÉRIOS DE S. PAULO (*)

UYVÃO ANTONIO PEGALIA

"Chacune avec son symbolisme propre, les nécropoles urbaines occupent de très vastes espaces, répliques des villes des vivants".
(PIERRE GEORGE)

I — CEMITÉRIO: FORMA ESPECIAL DE OCUPAÇÃO DA ÁREA URBANA

O estudo geográfico dos cemitérios, representa um simples ítem de um conjunto bem maior, que se poderia chamar de "Geografia da Morte". Com efeito, o fenômeno do desaparecimento do ser vivo, graças também à fertilidade do pensamento humano, tem motivado várias repercussões nas atividades do Homem, cujas conseqüências ficam impressas na paisagem geográfica.

Não foi guiado por outro raciocínio, segundo nos parece, que o prof. Deffontaines já chamara a atenção dos geógrafos para o fato, ao dizer que: "há, por exemplo, uma inscrição na paisagem geográfica do problema da morte que, na Terra, somente os homens foram levados a se propor; quase sempre os que não mais existem ocupam ainda um lugar no solo, considerável por vêzes, e isto desde tempos imemoriais". Em certas ocasiões "... a Geografia é mais uma geografia dos mortos do que dos vivos" [7, p. 16].

Entre as questões suscitadas pelo problema da morte, o destino dado aos cadáveres tem originado soluções as mais diversas, embora presentemente a inumação e a cremação sejam as mais comuns. Contrariamente ao que se verifica em algumas partes do mundo, onde a cremação foi o processo adotado, no Brasil sempre prevaleceu a técnica da inumação, totalmente consolidada pela tradição.

Mercê desta orientação, criou-se a necessidade de reservar um lugar adequado aos mortos. "Até 1858, podiam-se contar na cidade de São Paulo tantos cemitérios quantas eram as igrejas existentes,

(*) — Trabalho entregue em Janeiro de 1966.

católicas e protestantes, porque cada uma tinha, em anexo, o seu" [21, p. 49]. Tal fato não somente revelava a existência de um binômio igreja-cemitério, hoje em dia inexistente naqueles moldes, como também demonstrava a pouca originalidade que os cemitérios de per si deveriam dar à paisagem urbana.

Atualmente, graças ao fato das necrópoles se constituírem em locais independentes, de se apresentarem em número e com dimensões consideráveis, ocupam uma importante área do espaço urbano, caracterizada por uma atividade e uma fisionomia peculiar.

Os cemitérios de São Paulo devem sua existência a três tipos de organizações: governamental, religiosa e filantrópica. A Prefeitura Municipal é detentora do maior número deles; entidades religiosas criaram também suas próprias necrópoles; uma sociedade filantrópica conhecida mundialmente — União Internacional Protetora dos Animais — construiu o único cemitério de animais de São Paulo.

II — DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS NECRÓPOLES

Ao analisar-se a localização atual das necrópoles em S. Paulo, difícil se torna, à primeira vista, perceber quais os fatores que teriam contribuído para essa distribuição. Espalhadas tão desordenadamente como se acham, não se encontra comparação alguma se se quiser correlacioná-las com elementos urbanos atuais. Se lembrarmos porém, que os cemitérios vêm surgindo com o próprio desenvolvimento da cidade, recorrendo à sua história poderemos encontrar razoáveis explicações.

O que não padece dúvidas é a tendência, quer no passado quer no presente, de localizar os cemitérios em áreas periféricas à cidade, ou melhor, em pontos recuados das áreas ocupadas. Diversos fatores podem explicar essa tendência: o desejo de valorização de uma área, oferecendo o proprietário parte dela como doação, para a instalação de uma necrópole; o preço mais barato dos terrenos nos subúrbios, se se tratar de desapropriação ou compra; causas de natureza urbanística também aconselham a instalação dos cemitérios nos subúrbios; etc.

Documentos históricos demonstram cabalmente esses fatores. Por questões de valorização, no crepúsculo do século passado, por exemplo, doava-se à Prefeitura Municipal, para a instalação de um cemitério no então longínquo bairro do Chora Menino, pequena área de terreno. Nuto Sant'Anna nos conta: "Enfim, era o Chora Menino um descampado serrano, com barba de bode, guabiobas,

hervas agrestes, restingas. Raríssimos casebres de pau a pique aqui e ali. Uma ou outra chácara. O progresso desconhecia a região. Foi então que aquela viúva, d. Maria Custódia do Sacramento Soares, em abril de 1896, resolveu, com intenções de contribuir para a melhoria do lugar, doar à Prefeitura Municipal, uma área de 6.400 m² para a instalação do Cemitério de Santana, o que fêz no lugar chamado Capão das Cobras, nas proximidades do Chora Menino" [25, p. 110]. Parece ter surtido o efeito desejado, já que no findar daquele século "as habitações concentravam-se ao longo da atual Rua Alfredo Pujol e no "Caminho para o Cemitério", que é a Rua Dr. Cesar de nossos dias".

Os terrenos dos cemitérios de Itaquera, Consolação, Vila Formosa, e outros, também foram pelo menos parcialmente doados. Quando a Marquês de Santos e o Sr. Joaquim Fernando Wanderley doaram áreas ao Cemitério da Consolação, também pouco desenvolvida era aquela parte da cidade na época. Apreciando-a em 1898, Jorge Americano disse: "Saindo do Centro pelo Piques e Largo da Memória, onde está o velho obelisco, ia-se, à esquerda, para um bairro miserável, o Bexiga, e à direita, pela Rua da Consolação, até o cemitério, que datava de uns 50 anos. Seguindo pela Rua da Consolação, meio estrada meio rua, cortava-se um dos extremos da recente Avenida Paulista, despovoada, com algumas chácaras, como a do Bulow, e chagava-se ao nôvo Hospital do Isolamento" [2, p. 99].

Tal fato não ocorreu apenas num passado distante. Vários outros exemplos em épocas mais próximas, corroboram a afirmação inicial.

Muitas vêzes as necrópoles são construídas em bairros distantes, em função da maior facilidade quanto ao preço dos terrenos, ou mesmo por êstes não estarem ainda ocupados. Há pouco, "o prefeito Prestes Maia vetou totalmente o projeto de lei apresentado pela Câmara Municipal, para desapropriação de áreas onde seriam localizados cemitérios no Morumbi, Vila Maria, Saúde e São Miguel Paulista. O projeto foi encaminhado ao legislativo em 1956, e como essas áreas já estão loteadas e ocupadas por edificações, as desapropriações tornam-se quase impossíveis" [14, p. 15].

No que se refere aos fatores urbanísticos, temos igualmente numerosas referências, as quais demonstram que os cemitérios não são bem recebidos na área urbana: "O Cemitério de Santa Luzia (isto foi há mais de 100 anos), ficava já quase no Centro, pela várzea da Glória, hoje rua. Pensou-se então em transferir-se a "morada dos mortos" para o oeste, no chão que depois tomava o

nome de largo do Arouche. Mas, sendo este um charco (dava água), decidiu o intendente da cidade lançar o "campo santo" no ermo distante da Consolação, que submergia no vasto silêncio dos Pinheirais" [18, p. 11].

Outro autor, menciona também o fato nas seguintes palavras: "Há 104 anos, os restos mortais até então repousando na mais antiga necrópole da cidade — no local onde está hoje a movimentada avenida da Liberdade — foram trasladados para um "terreno afastado da cidade, no bairro da Consolação" [13, p. 3].

Outro autor ainda escreveu, citando em seguida Antônio Egídio Martins: "Por outro lado, quando a Câmara Municipal cogitou, em 1855, de construir um cemitério no então Campo Redondo (atual Praça Princesa Isabel), contra tal idéia se levantou o Dr. Carlos Frederico Rath, mostrando os inconvenientes da medida e sugerindo fôsse escolhido o "alto da Consolação, lugar bastante afastado da cidade e sem moradores" — sugestão que acabou por ser aceita e efetivou-se em 1858".

A mais significativa referência, entretanto, vamos encontrar em A Cidade de São Paulo — Estudos de Geografia Urbana: "A urbanização da Glória teve início com o loteamento do antigo Cemitério dos Aflitos, que se localizava entre as atuais ruas Galvão Bueno, dos Estudantes e da Glória. O núcleo principal do bairro passou a ser o Largo da Glória, anteriormente denominado Largo do Cemitério, posteriormente Largo de São Paulo e hoje Praça Almeida Júnior".

Diferentes funções melhor ajustadas as áreas urbanizadas, rechassem para os arredores os cemitérios. Aquêles que hoje situam-se na área dos bairros, devem isto ao notável crescimento da cidade. "Foram eles envolvidos pela expansão da metrópole e, de isolados que eram, passaram a ficar no meio de bairros residenciais".

Na cidade de São Paulo, a irregular distribuição das necrópoles chega a formar, onde mais confinada se encontram várias delas, uma verdadeira área dentro do espaço urbano, com nítida função especializada.

Aliás, o Prof. Silveira Mendes, ao estudar a Vila Cerqueira Cesar, já chamara a atenção para esse fenômeno, quando caracterizou a área por dois traços marcantes. "Em primeiro lugar, a presença em sua parte alta, junto a Av. Dr. Arnaldo, de um verdadeiro Centro Médico-Hospitalar", e a segunda, "a presença de cemitérios, quer junto a Av. Dr. Arnaldo (Cemitério do Araçá, do Santíssimo Sacramento e do Redentor, este último dos Protestantes), quer junto à Rua Cardeal Arcoverde (Cemitério S. Paulo)".

Todavia, considerando-se a cidade no seu amplo conjunto, é razoável que se acrescente a essa área, aquela correspondente aos cemitérios do bairro da Consolação, já que existe bastante proximidade e semelhança entre elas.

Desta forma, numa distância linear de aproximadamente três mil metros, percorrendo parte dos vizinhos sub-distritos da Consolação e de Vila Cerqueira Cesar, encontra-se a mais densa aglomeração de necrópoles de São Paulo, constituída por sete cemitérios, a saber: Consolação, Ordem Terceira do Carmo, dos Protestantes, do Santíssimo Sacramento, Araçá, Redentor e São Paulo.

Deve-se mencionar ainda a existência em São Paulo de uma segunda área com a mesma função, embora apresentando grandes contrastes comparativos a primeira. Trata-se do cemitério de Vila Formosa, que por sua extraordinária extensão equivale, por si só, a considerável área do espaço urbano.

A comparação entre as duas áreas torna-se interessante. A despeito de desempenharem a mesma função no conjunto urbano, contrastam entre outras coisas por: 1.º — enquanto a primeira caracteriza-se pelo agregado de sete necrópoles, a segunda está representada simplesmente por uma; 2.º — enquanto a primeira é formada por um conjunto de pequenas áreas, a segunda é inteiramente maciça; 3.º — não obstante a primeira ser formada por um conjunto de sete unidades, cuja área total interna aproxima-se dos 423.000 metros quadrados, a segunda comporta sòzinha, aproximadamente duas áreas idênticas a da primeira; etc.

Situados que se encontram em diferentes pontos do município, os cemitérios da Prefeitura mantêm oficialmente a denominação do distrito ou sub-distrito onde estão instalados. Uns poucos casos constituem exceção (Araçá, da Saudade, etc). As necrópoles particulares, geralmente anexas as públicas, normalmente levam o nome da entidade a qual pertencem (Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo, Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, etc.). Estas entretanto, também possuem exceção, como no caso do Cemitério do Redentor, pertencente à Associação Cemitério dos Protestantes.

QUADRO N.º 1 (*)

NECRÓPOLES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

NOME	PROPRIETÁRIO	LOCALIZAÇÃO
1 — Araçá	Prefeitura Municipal	Sumaré
2 — Brás	Prefeitura Municipal	Belèzinho
3 — Campo Grande	Prefeitura Municipal	Campo Grande
4 — Consolação	Prefeitura Municipal	Consolação
5 — Freguesia do Ó	Prefeitura Municipal	Freguesia do Ó
6 — Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo	Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo	Sumaré
7 — Israelita do Butantã	Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo	Butantã
8 — Israelita de Santana	Soc. Cemitério Israelita de São Paulo	Santana
9 — Israelita de Vila Mariana	Soc. Cemitério Israelita de São Paulo	Vila Mariana
10 — Itaquera	Prefeitura Municipal	Itaquera
11 — Lageado	Prefeitura Municipal	Lageado Velho
12 — Lapa	Prefeitura Municipal	Lapa
13 — Penha	Prefeitura Municipal	Penha
14 — Protestante	Associação Cemitério dos Protestantes	Sumaré
15 — Redentor	Associação Cemitério dos Protestantes	Sumaré
16 — Santana	Prefeitura Municipal	Santana
17 — Santo Amaro	Prefeitura Municipal	Santo Amaro
18 — S. Miguel Paulista	Prefeitura Municipal	São Miguel Paulista
19 — São Paulo	Prefeitura Municipal	Vila Madalena
20 — Saudades	Prefeitura Municipal	São Miguel Paulista
21 — Tremembé	Prefeitura Municipal	Tremembé
22 — Venerável Ordem Terceira de N. Sa. Monte do Carmo	Venerável Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo	Consolação
23 — Vila Formosa	Prefeitura Municipal	Vila Formosa
24 — Vila Mariana	Prefeitura Municipal	Vila Mariana
25 — Zoófilo Paulista	União Internacional Protetora dos Animais	Ibirapuera

Obs.: O Cemitério de Osasco, hoje localizado no município que tem o seu nome, pertenceu a Prefeitura Municipal de São Paulo.

(*) — Quadro organizado pelo autor, com base em dados obtidos nas pesquisas bibliográfica e de campo.

Contrariamente a tantos outros elementos urbanos, cuja intensidade enfraquece à medida que se distanciam do Centro da cidade, ocorre com as necrópoles fenômeno diferente, já que na área central, São Paulo não dispõe de qualquer cemitério, encontrando-se na zona dos bairros a maior cifra, sendo também elevado o número daquêles existentes nos subúrbios. Os cemitérios hoje localizados nos bairros foram instalados quando êstes representavam subúrbios da cidade. Quando instaladas recentemente, as necrópoles caracterizam uma paisagem tipicamente suburbana.

III — A EVOLUÇÃO URBANA E OS CEMITÉRIOS

Conta atualmente o Município de São Paulo com 24 cemitérios humanos e 1 destinado aos animais. Não obstante alguns guias e plantas da cidade fazerem menção a necrópoles não computadas nesse total, como por exemplo o Cemitério da Paz, a Rua Heitor Penteado 17, p. 34 e da Casa Verde 12, p. 255 e outros, por não existirem na realidade, confirma-se inteiramente aquela soma. Esse número vem evoluindo com constância, desde o século passado, chegando àquela cifra em 1960, e permanecendo até nossos dias. Diversos projetos em mãos de entidades pública e particulares, fatalmente elevarão êsse total num futuro bem próximo, dadas as condições de extrema necessidade em que se encontra o município, principalmente em função do extraordinário crescimento de sua população nos últimos decênios.

As necrópoles em São Paulo apresentam grandes contrastes quanto ao tamanho. Encontram-se cemitérios cujas áreas oscilam de 2.000 m² até 810.000 m². Nota-se porém, que a maioria possui espaço inferior a 200.000 m². Ultrapassando esta cifra existem apenas duas necrópoles: a do Araçá e a de Vila Formosa.

QUADRO N.º 2 (*)

NECRÓPOLES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

	Ano de Inauguração	NOME	Metragem aprox. (m ²)
1	1858	Consolação	76.000
2	1859	Protestante	4.500
3	1866(?)	Santo Amaro	24.000
4	1868	Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmo	4.500

5	1892	Brás	150.000
6	1896	Penha	16.000
7	1897	Araçá	230.000
8	1897	Santana	33.000
9	1899	Irmadade do Santissimo Sacramento da Catedral de São Paulo	7.000
10	1900	Freguesia do Ó	25.000
11	1901	São Miguel Paulista	3.000
12	1903	Lageado	57.000
13	1904	Vila Mariana	54.000
14	1918	Lapa	47.000
15	1920	Israelita de Vila Mariana	10.000
16	1921	Redentor	10.000
17	1924	Israelita de Santana	2.000
18	1926	São Paulo	198.000
19	1927	Zoófilo Paulista	1.000
20	1929	Itaquera	8.000
21	1937	Tremembé	100.000
22	1949	Vila Formosa	810.000
23	1953	Israelita do Butantã	60.000
24	1953	Campo Grande	114.000
25	1960	Saudade	135.000

Metragem total aproximada: 2.179.000 m².

Os menores são representados pelos cemitérios particulares, geralmente anexos aos da Prefeitura. Isto se explica perfeitamente se se atentar para o fato de que a maioria deles destina-se exclusivamente aos elementos componentes da entidade proprietária. Os de tamanho médio, em número também considerável, justificam-se pela regra geral. Os poucos com dimensões elevadas constituem exceções, explicada cada qual de per si. Doação de uma extensa área, preço baixo na compra do terreno, já de propriedade da entidade o espaço, etc., fatores estes algumas vezes combinados, originam as grandes necrópoles.

Melhor visível serão as diferenças, se se comparar entre si as dimensões. Somente o Cemitério do Araçá, comporta dentro de seus limites treze necrópoles paulistanas juntas. São preciso áreas reunidas de doze cemitérios para igualar-se as dimensões da necrópole do Brás. A desproporção porém é extraordinária, se se tentar igualar a área do Cemitério de Vila Formosa com o Israelita de Santana. Haverá necessidade de se somar mais de 400 áreas idên-

Obs.: — O Cemitério de Osasco, outrora pertencente ao município de São Paulo, foi fundado em 1924, e possui aproximadamente 40.000 m².

(*) — Quadro organizado pelo autor, com base em dados obtidos nas pesquisas bibliográficas e de campo.

ticas ao do segundo, para se chegar a metragem do primeiro! É preciso ressaltar entretanto que, embora sob certos aspectos o Cemitério Israelita de Santana seja independente, sob outros deve-se considerá-lo como agregado ao Cemitério de Santana.

Ainda mais expressivas se tornam as cifras, se comparadas com outras áreas da cidade. Reunida em um único bloco, a metragem total das áreas com cemitérios no município, aproxima-se de 2,2 milhões de metros quadrados. Isto equivale a dizer que o conjunto das necrópoles ocupa uma área superior aos sub-distritos da Sé (1,1 km²), e de Cerqueira Cesar (1,8 km²), chegando a ser maior que a metade de onze outros sub-distritos de São Paulo.

Tão idênticas quanto ao tamanho, são as desproporções quanto à forma. A bem dizer, as mais desconhas figuras geométricas são representadas pelos espaços dos "campos santos". Se é bem verdade que uma boa parte deles chegam a possuir formas aproximadas, geralmente um retângulo, outra parte considerável possui a direção da linha de limites a mais estrambótica possível. Quantidade enorme de saliências e reentrâncias entremeiam-se no traçado de linhas curvas e retas.

Quais os motivos que teriam originado formas tão desconhas? Alguns fatores podem ser mencionados: 1.º — a própria área inicial do cemitério pode apresentar contornos sinuosos, quando o limite acompanha uma estrada que surgiu condicionada as formas da topografia; 2.º — os acréscimos constantes, feitos em quase todos os cemitérios de São Paulo, fez-se pelo agregado das áreas mais facilmente adquiridas, e como tal, normalmente irregular quanto à forma inicial. É bem de ver que numerosas necrópoles foram várias vezes aumentadas desta maneira; etc.

Caso extremo ocorre com o Cemitério de Lageado. Aí o aumento se deu desconexo a área inicial. Enquanto a primeira parte se localiza num lado da estrada, a segunda, correspondente ao aumento, fica-lhe defronte. Em alguns casos deu-se também uma redução da área inicial para satisfazer necessidades de alargamento ou retificação de vias públicas.

Com tamanho e formas irregulares, os cemitérios muitas vezes atravancam o alinhamento natural das ruas. Daí terem sido algumas vezes transferidos para outras áreas, por duas ou mais vezes até. O Cemitério do Brás, atualmente situado já no Belênzinho, é um exemplo característico.

Criados em áreas geralmente pouco urbanizadas, os cemitérios de São Paulo, graças à extraordinária evolução urbana, principalmente pelo notável crescimento espacial da cidade, viram-se cercados por denso casario, e hoje apresentam vários problemas urbanísticos de difícil solução.

IV — O DESEQUILÍBRIO ENTRE O CRESCIMENTO POPULACIONAL E DOS CEMITÉRIOS

Dos cemitérios existentes, os mais antigos datam da segunda metade do século XIX. Dois períodos de maior intensidade nas construções podem ser observados: o primeiro corresponde ao último decênio do século passado, e o segundo, ao segundo decênio deste século. Em ambos os períodos construiu-se o total de onze necrópoles. De modo geral porém, pode-se dizer que o crescimento vem sendo constante e ininterrupto. Os cemitérios particulares, atualmente em número de sete, foram construídos os três primeiros no século passado e os restantes, no século atual.

Extraordinárias são as desproporções em que cresceram o total da população e o número de cemitérios, principalmente se comparados com as relações do início deste século. Enquanto que para uma população de 239.000 habitantes havia 10 cemitérios em 1900, em 1960, tendo a população aumentado sobre aquela cifra de aproximadamente 1.400%, os cemitérios cresceram apenas de 140%.

Uma importante atenuante deve ser lembrada. A maioria dos cemitérios de São Paulo, incluídos aqui também os particulares, já tiveram numerosos aumentos de suas áreas. Em alguns, os acréscimos suplantaram de muito a área inicial. Entretanto, ainda assim nossas necrópoles não satisfazem as necessidades do meio.

É extraordinário verificar que, de 1940 a 1962, enquanto que a população praticamente triplicou, e o número de óbitos foi além do dobro, a quantidade de cemitérios cresceu apenas numa proporção inferior a 25%.

“Os cemitérios do Araçá, São Paulo, Vila Mariana, Penha, Santana e Freguesia do Ó, não dispõem, há um ano, de terreno para concessão”. “Quanto ao cemitério da Consolação, há mais de 25 anos que está lotado pelos jazigos de famílias. São Paulo, na sua zona mais próxima, é servida pelos mesmos cemitérios que a serviram a 30 anos”. “A falta de espaços toma caráter alarmante”... [11, p. 2].

A situação chegou ao caótico ponto em que se encontra, devido não somente ao crescimento do número de óbitos, mas também, ao sistema de concessão de terrenos. Muitos cemitérios de propriedade municipal chegam hoje a pertencer quase que totalmente a particulares.

QUADRO N.º 3 (*)
 NÚMERO DE HABITANTES, DE ÓBITOS E DE CEMITÉRIOS
 MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
 1940 — 1962

Ano	População	N.º de Óbitos	N.º Cemitérios
1940	1.314.952	17.116	20
1941	1.384.279	19.295	20
1942	1.457.261	19.145	20
1943	1.534.090	18.697	20
1944	1.614.971	20.128	20
1945	1.700.115	19.981	20
1946	1.789.749	18.650	20
1947	1.884.108	19.539	20
1948	1.983.441	21.093	20
1949	2.088.012	21.714	21
1950	2.198.096	22.267	21
1951	2.312.976	23.794	21
1952	2.438.521	22.565	21
1953	2.574.129	24.188	23
1954	2.720.274	25.588	23
1955	2.876.077	27.819	23
1956	3.037.309	29.233	23
1957	3.207.592	29.259	23
1958	3.389.315	28.268	23
1959	3.479.118	29.838	23
1960	3.675.602	31.361	24
1961	3.882.523	32.134	24
1962	4.099.969	36.033	24

Diante desta situação, só se pode esperar que novos cemitérios sejam criados, a fim de que haja uma justa proporção entre a população e o número de necrópoles. As autoridades municipais procuram resolver o problema mercê de novas inaugurações. Citam-se os seguintes sub-distritos onde serão instalados novos cemitérios, para acudir a necessidade premente de enterramento: Saúde, Mo-

(*) — Quadro organizado pelo autor, com base em dados obtidos nas pesquisas bibliográfica e de campo.

rumbi, Casa Verde, Freguesia do Ó, Vila Prudente, Perús, quilômetro 24 da Estrada de Sapopemba, Caxingui, Vila Alpina, S. Miguel Paulista, e outros" [22, p. 9].

V — FATÔRES DE DIVERSIFICAÇÃO DA PAISAGEM INTERNA DAS NECRÓPOLES

Disseminadas pelo espaço urbano, as necrópoles se apresentam como pequenas áreas com características peculiares. Guardam no seu interior uma pureza de aspecto, que as distinguem facilmente de qualquer outro panorama urbano. Inexistem entre elas e as zonas próximas áreas de transição, e mesmo que rígidos limites não demarcassem os espaços, as feições seriam suficientes para apontá-los.

Alguns traços marcantes já individualizam as necrópoles a distância, de perto porém, chama a tenção a ocupação do sítio no seu todo, por edificações "sui-generis".

O Cemitério de Vila Formosa é o único a guardar uniformização da paisagem interna, o que o distingue facilmente dos demais, caracterizados por um emaranhado de construções. "Não há diferença entre os túmulos de V. Formosa, que são padronizados de acôrdo com as leis baixadas pela Prefeitura" [10, p. 8]. Trata-se de "um cemitério onde não há túmulos transformados em obeliscos e onde as campas uniformes, feitas sem qualquer ostentação, nivelam os homens, eliminando as diferenças sociais de raça ou côr, e principalmente as de natureza econômica. "Ali, não existem ricos ou pobres, o cidadão que foi importante ou aquêle que morreu numa sarjeta. Todos são iguais, sob a absoluta igualdade dos túmulos pequenos" [10, p. 8].

Além de distinguir-se dos demais pela padronização dos túmulos, o individualiza também as estradas internas que possui. Estas, são perfeitamente justificadas pelas dimensões extraordinárias que o cemitério tem. É sobremodo original observar-se o tráfego de veículos no interior da necrópole.

Em São Paulo, com esta só exceção (Cemitério de Vila Formosa), as necrópoles apresentam a mais caótica vista interna. Campas das mais variadas dimensões horizontal e vertical, entremetiam-se em consideráveis extensões. Ao principiar pelas capelas e ao finalizar principalmente pelos túmulos, dos quais a Prefeitura exige planta, nem os ossários nem os edifícios da administração chegam muitas vêzes sequer a ser semelhantes.

Como explicar paisagens tão desordenadas? Fatôres econômicos e religiosos principalmente, ao lado de históricos e de nacionalidade, contribuíram para a formação dos aspectos atuais.

É possível reconhecer em São Paulo, pelo menos dois cemitérios cujo valor de muitos túmulos podem qualificá-los de milionários: Consolação e Araçá. Sepulturas que são verdadeiros monumentos embelezam e enriquecem sobremodo aquelas necrópoles.

Grande influência também tem sido exercida pelos fatores religiosos. Aliás, "as religiões atuam geograficamente como elemento formador da paisagem cultural, de várias maneiras" [5, p. 70], sendo uma delas a que fica impressa nas feições que se dão aos cemitérios. De modo geral, as necrópoles fazem transparecer bem os sentimentos religiosos de seu povo, através da presença considerável dos símbolos que os identificam.

Nos cemitérios israelitas, por exemplo, é interessante observar-se a completa ausência de cruzes. Em contraposição, substituindo-as, acham-se numerosas estrelas hexagonais, conhecidas de per si por "Estrela de David". Embora cristãos, os protestantes desprezam as imagens, e assim, estas inexistem por completo em seus túmulos. Ao contrário daqueles, a crença cristã católica que impera na maioria dos cemitérios, é representada pelo uso comum da cruz e da imagem. Nesse particular, merece em São Paulo um destaque o Cemitério da Penha, cuja quantidade grande de imagens de santos, de anjos, e de Cristo, dá-lhe um aspecto todo original. A causa de tal fato parece residir na influência do que já existe no próprio bairro: definida função religiosa. "De fato, o papel religioso da Penha é sobremodo notável" [4, p. 28].

Aliás, não é difícil perceber-se em São Paulo, necrópoles que se especializaram em função não só de fatores religiosos ou econômicos. O fator nacionalidade, manifesta-se também de maneira peculiar em certos cemitérios.

Aliado a fatores religiosos, a Colônia Israelita criou em suas necrópoles, o que se poderia chamar de "Cemitérios Israelitas de São Paulo", quer pela própria denominação, quer pela paisagem típica criada, ou pela rigorosa seleção que é imposta aos ocupantes de seus túmulos.

Idênticamente, a Colônia Italiana de São Paulo, embora participando do cosmopolitismo da maioria de nossas necrópoles, nem por isto deixou de formar no Cemitério do Brás, o que seria natural chamar de "Cemitério Italiano de São Paulo". Com efeito, uma simples análise das inscrições contidas nos jazigos perpétuos, nos revelam, através dos nomes familiares, sua indiscutível origem italiana: "Marchetti", "Trancucci", "Battiato", "Garofalo", "Scarpelli", "Taglieri", "Malatesta", "Cornacchini", "Modugno", "Barsotti", e numerosos outros. É facilmente explicada esta preferência, se atentarmos para o fato de que o Brás foi um bairro tradicionalmente italiano em São Paulo.

O Cemitério do Araçá também demonstra com certa clareza, sua acentuada tendência de abrigar em seu seio, elementos de diversas nacionalidades, ou seus descendentes diretos, de respeitável situação econômica. Isto explica os nomes familiares comuns a seus túmulos: "Maluf", "Farhat", "Haddad", "Cury", "Bussab", "Blumberg", "Abbud", "Mackenzie", "Haidar", "Máttar", "Ziolkowski" e muitos outros, não faltando também os de origem italiana, tais como: "Gallucci", "Liberatori", "Chiarelli", "Marcucci" e numerosos outros.

Em alguns casos porém, a influência estrangeira é manifesta não na necrópole como um todo, mas nos túmulos particularmente. Assim se explica a existência no Cemitério da Vila Mariana, de jazigos coletivos abrigando membros do "Centro Social Chinês de São Paulo".

Ao lado destes, a cidade possui um cemitério — Consolação — a que denominamos "Cemitério Histórico de São Paulo", não apenas por ser o mais antigo dos atualmente existentes, mas e principalmente por abrigar figuras das mais destacadas dos nossos meios político, literário, científico, econômico e social. Jazem aí Washington Luiz, Luiz Gama, Campos Salles, Mario de Andrade, Arnaldo Vieira de Carvalho, membros das Famílias Crespi e Matarazzo, bem como a Marquês de Santos, o Barão de Tatui e muitos outros.

Qual será a paisagem interna das necrópoles no futuro? Mormente agora que São Paulo precisa sair da difícil situação em que se encontra, com poucos cemitérios e sobretudo muitos deles completamente lotados, várias sugestões já foram lembradas, e se se concretizarem, poderão modificar de muito a vista interior de nossas necrópoles.

Em 1953, cogitava-se da construção de cemitérios de vários andares em São Paulo. Naquela oportunidade, o Prefeito da Capital nomeou uma comissão de engenheiros para "estudar uma proposta encaminhada à Prefeitura, visando a construção de cemitérios de vários andares. No seu despacho, opina o prefeito: "As sepulturas em pavimentos parecem-me interessantes. Se é possível viver assim, deve ser possível o sepulcro também" [9, p. 5].

Não obstante o otimismo existente naquela ocasião, deixou de vingar a mencionada idéia. Outra porém, mais recente, parece de-sejar resolver o problema de modo diverso, já que se aprova a construção de cemitérios subterrâneos. A propósito, assim se manifestou um matutino paulista: "O Sr. Prestes Maia sancionou, com veto parcial, lei que institui em nossa Capital o sistema de cemitério subterrâneo, ou seja, as chamadas catacumbas. Segundo o diploma aprovado, a construção dos novos cemitérios de São Paulo

obedecerá um dos dois sistemas, ou o atual ou o subterrâneo, de acôrdo com a conveniência local e topográfica do terreno" [1, p. 13].

Enquanto que num futuro próximo as modificações da paisagem interna parecem se constituir somente nestas duas formas — cemitérios em andares ou subterrâneos — num futuro distante, substituída a inumação pela cremação, como se apresentarão nossas necrópoles? Quais serão suas paisagens? Que aspecto darão a certas áreas urbanas?

VI — A EXISTÊNCIA DE UM COMÉRCIO ESPECIALIZADO

As necrópoles atraem para junto de si, ao lado de um comércio de artigos comuns, outro com características definidas, de produtos especializados.

O primeiro apresenta-se sob duas formas bem distintas. Uma delas está representada por firmas comerciais legalmente estabelecidas, tais como bares, armazéns, lojas, etc., cujos produtos básicos de venda não mantêm, diretamente, relação alguma com as necrópoles, entretanto, beneficiam-se essas casas do movimento que normalmente existe junto aos portões dos cemitérios. A outra é o "comércio de ocasião", que surge esporadicamente, de preferência aos domingos, feriados religiosos ou principalmente em finados, onde, em simples banquinhas, carrinhos ou nas próprias mãos, vendedores improvisados oferecem guloseimas e quinquilharias diversas.

Todavia, o que melhor caracteriza a paisagem externa, do ponto de vista comercial, é a venda de artigos especializados. Três fontes distintas representam-na: as firmas estabelecidas, as bancas permanentes e os vendedores ambulantes.

As firmas estabelecidas são constituídas por casas comerciais, geralmente floriculturas, marmorarias, lojas especializadas na venda de imagens, quadros religiosos, molduras para fotografias, etc., situadas próximas aos cemitérios, dos quais dependem para seu funcionamento. Surgiram, via de regra, após a instalação das necrópoles e embora seja comum aparecerem nessas áreas, não constituem exclusividade delas, visto surgirem na cidade também em pontos inteiramente desligados dos "campos santos". Neste caso, ainda que os produtos vendidos sejam praticamente os mesmos, como flores, por exemplo, objetivam a outros fins. Enquanto umas destinam suas vendas à ornamentação dos túmulos, as outras visam ao enfeitamento dos mais variados recintos.

Neste setor comercial, algumas vezes existe inclusive uma dependência administrativa entre as casas, tratando-se de matriz e filiais. Enquanto uma localiza-se no Centro da cidade, a outra

situa-se junto a um cemitério, ou então, ambas estão próximas a necrópoles diferentes. Em outros casos, estão mesmo ao longo de um só quarteirão, como acontece na Rua Cônego Eugênio Leite, próximo ao Cemitério São Paulo.

As bancas permanentes, localizadas junto aos portões de vários cemitérios paulistanos, representam outra forma de comércio bastante característica. Dois produtos básicos de venda são ali expostos: velas e flôres.

A despeito de apresentar uma certa fragilidade, esta forma de comércio não é tão débil quanto aparenta. Diversos são os floristas que possuem veículo motorizado para transporte, e inúmeras são as pessoas que trabalham numa mesma banca. Em alguns casos, também as pequenas mesas exibidoras de velas, guardam atrás de si a hierarquia de patrões e empregados.

A venda ambulante é praticada por pessoas de ambos os sexos, jovens, adultos e velhos, que vêm na tarefa u'a maneira de obter algum ganho. Esses vendedores são pessoas que normalmente se dedicam a outros afazeres, e só excepcionalmente se aplicam a êsse comércio. Êste é anormal e esporádico. Ganha porém, notável movimentação, por ocasião dos dias de finados.

O que normalmente ocorre nas proximidades dos cemitérios de São Paulo, é uma combinação entre as diversas modalidades de vendas, cuja quantidade, intensidade e espécie de produto, estão em função do dia de finados principalmente, e da maior ou menor riqueza do cemitério.

* * *

Além dos itens abordados, os quais apresentam aspectos que comportam certa profundidade, outros mais são indispensáveis num estudo desta natureza. Chamamos pois a atenção para o interesse geográfico existente na abordagem de alguns desses itens, já que o tema é rico em sugestões teóricas, embora nem sempre sejam os dados facilmente acessíveis.

A análise do sítio ligado ao problema da natureza do solo, por exemplo, é de grande importância, de vez que os cemitérios requerem condições geológicas especiais. O estudo interno das grandes necrópoles poderá ressaltar áreas com características peculiares, ligadas a fatores econômicos, sociais, religiosos, topográficos, etc. Igualmente interessante seria, através do registro de sepulturas de uma mesma época, observar-se fases de imigração, e, através de dados estatísticos determinar-se as épocas do ano de maior número de sepultamentos, assim como a análise da densidade de mortos por metro quadrado, etc. etc.

Como se pode notar por essas poucas sugestões, o tema é muito mais amplo e complexo do que a primeira vista pode parecer. Porém, o geógrafo que se dispuser a abordá-lo, encontrará nos cemitérios um interessante "laboratório" para suas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — A Gazeta Esportiva (Jornal) — 5-1-1962 — Secção de Noticiário Geral — Pág. 13 — "Prestes Maia aprova: catacumbas em São Paulo".
- 2 — Americano (Jorge) — São Paulo Naquêle Tempo (1895-1915) — Saraiva S. A. Livreros e Editôres — São Paulo — 1957.
- 3 — Associação dos Geógrafos Brasileiros — Secção Regional de S. Paulo — A Cidade de São Paulo — Estudos de Geografia Urbana — Por um grupo de geógrafos sob a direção de Aroldo de Azevedo — Cia. Editôra Nacional — São Paulo — 1958 — Volumes II e III.
- 4 — Azevedo (Aroldo de) — Regiões e Paisagens do Brasil — 2.a edição — Cia. Editôra Nacional — São Paulo — 1954.
- 5 — Castro (Josué de) — Ensaio de Geografia Humana — 2.a Edição — Editôra Brasiliense — São Paulo — 1959.
- 6 — Chabot (Georges) — Les Villes — Librairie Armand Colin — Paris — 1958.
- 7 — Deffontaines (Pierre) — Posições da Geografia Humana — Por que Geografia Humana? — in Boletim Paulista de Geografia n. 32 — São Paulo — Julho de 1959.
- 8 — Departamento de Estatística do Estado de São Paulo — Divisão de Estatística Demográfica — Secção de Demografia Dinâmica — "Município de São Paulo — População e Movimento do Registro Civil" — Edição mimeografada — Folheto sem data.
- 9 — Diário da Noite (Jornal) — 5-11-1953 — 2.a Edição — Pág. 5 — "Cemitérios de vários andares em São Paulo".
- 10 — Diário da Noite (Jornal) — 13-11-1953 — 2.a Edição — Pág. 8 — "Em São Paulo o mais movimentado cemitério do mundo".
- 11 — Diário da Noite (Jornal) — 26-6-1957 — 2.a Edição — Pág. 2 — "Lotados os cemitérios".
- 12 — Fôlhas Informações — Ruas — Ano I — N.º 1 — II semestre de 1960.
- 13 — Fôlha de São Paulo (Jornal) — 15-8-1960 — 2.a Edição — 2.º Caderno — Pág. 3 — "Faz 104 anos o cemitério da Consolação: "Monumento vivo da história e da arte".
- 14 — Fôlha de São Paulo (Jornal) — 15-11-1961 — 2.a Edição — 1.º Caderno — Pág. 15 — "O prefeito veta projeto sobre cemitérios".

- 15 — George (Pierre) — Précis de Géographie Urbaine — Presses Universitaires de France — Paris — 1961.
- 16 — Guia Levi (Revista Mensal) — Edição de Guia Levi Ltda. — S. Paulo — Julho de 1961.
- 17 — Izar (Margarida) — "Consolação, Cemitério de Cem Anos", in Diário da Noite (Jornal) — 25-2-1957 — 2.a Edição — Pág. 11.
- 18 — Lavedan (Pierre) — Géographie des Villes — Librairie Gallimard — Paris — 1959.
- 19 — Mattos (Joaquim de Almeida) — Vida e Crescimento das Cidades — Editora Globo — Porto Alegre — 1952.
- 20 — Mílano (Miguel) — Os Fantasmas de São Paulo Antiga — Edição Saraiva — São Paulo — 1949.
- 21 — O Estado de São Paulo (Jornal) — 28-10-1959 — Pág. 9 — "Informações confirmam: necrópoles superlotadas".
- 22 — Pinto (Alfredo Moreira) — A Cidade de São Paulo em 1900 — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1900.
- 23 — Prefeitura Municipal de São Paulo — Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios — Ofício n.º 295/62, de 26-8-1962, dirigido ao autor.
- 24 — Sant'Anna (Nuto) — Metrópole — Volume II — Volume XL de Coleção Departamento de Cultura — São Paulo — 1952.
- 25 — Sant'Anna (Nuto) — Metrópole — Volume III — Coleção Departamento de Cultura — São Paulo — 1953.